

A LITERATURA ORAL: ESTRATÉGIAS PARA AFIRMAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA

Rita de Cássia M. Alcaraz¹
Aparecido Vasconcelos de Souza²
Tânia Mara Pacífico³

RESUMO: A importância da contação de história na esfera literária é significativa para a efetivação do artigo 26 A da LDB, alterado pela obrigatoriedade da Lei 10.639 de 2003 e modificado pela Lei 11.645 de 2008. As histórias transmitidas por meio da oralidade são um dos valores civilizatórios africanos ancestralmente compartilhados entre as pessoas pertencentes à comunidade. Elas são muito respeitadas, pois transmitem com dinamicidade os conteúdos essenciais para preservar as tradições que se reinscrevem na cena contemporânea, ressignificando-as através da recusa de certas continuidades curriculares e da incorporação de novos valores próprios da oratura⁴ das comunidades africanas e também possuem caráter similar na cultura dos povos indígenas. A literatura oral, ao abordar a temática étnico-racial e indígena, preservando valores, costumes, crenças e tradições colabora para a afirmação e representação identitária das/os alunas/os negras/os e indígenas. Considerando a esfera literária e a análise dos estudos, coletamos dados em uma escola estadual do bairro Tatuquara na cidade de Curitiba, Paraná, nas séries iniciais do ensino fundamental II, na qual o professor da disciplina de Arte utiliza a contação de história com suas turmas.

Palavras-chave: Implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08. Contação de histórias. Descolonização de representações. Afirmação identitária.

ABSTRACT: The importance of story-telling in the literary sphere is significant for the effectiveness of Article 26 of the LDB, as amended by compulsory 10.639 Act 2003 and modified by Law 11.645 of 2008. The story spread through orality is one of the African civilizational values ancestrally shared between people belonging to the community. She is much respected, because it transmits dynamism with the essential elements to preserve the traditions as reinscribe in the contemporary scene, giving new meaning to them by refusing to certain curricular continuity and the incorporation of new eigenvalues of orature. The oral literature to address the ethnic-racial and indigenous issues, preserving values, customs, beliefs and traditions contributes to the affirmation and identity representation of / the students / the black / and the indigenous. Considering the literary sphere collect data at a state school Tatuquara neighborhood in the city of Curitiba, Paraná, in the early grades elementary school II in which the teacher of Art discipline, uses storytelling with their classes.

Keywords: Implementation of Laws 10.639/03 and 11.645/08. Storytelling. Decolonization representations. Identity affirmation.

¹ Licenciada em Letras – Português, Mestre em Estudos literários e Bolsista CAPES- pelo Programa de Doutorado da UFPR- Área de Políticas Educacionais –UFPR, Pesquisadora NEAB/ NEPIE rita.alcaraz1@gmail.com.

² Licenciado em Educação Artística - Artes Plásticas, (FAP-PR) Bacharel em Filosofia(FAVIC), Especialização em Educação especial - educação inclusiva(FINOM), atualmente faz especialização em contação de histórias na FATUM-Educacional, cidomarchetaria@yahoo.com.br.

³ Pedagoga do Estado. Mestre em Educação pela UFPR. Pesquisadora de Relações Raciais-NEAB/UFPR, taniapacifico@hotmail.com.

⁴ O termo oratura ou oralitura é proposto pelo linguista ugandês Pio Zirimu nas universidades de Makerere em Uganda, na década de 60. O termo surge como uma alternativa ao termo literatura oral que aponta para a oralidade, enquanto o termo propõe elencar um conjunto de formas verbais orais, artísticas ou não utilizadas nas obras de Walter Ong (1998).

Introdução

Os brancos escrevem nos livros, a gente vai escrevendo na alma.

Provérbio umbundu

A prática de contação de histórias no ambiente escolar vem crescendo significativamente nos últimos anos. Neste contexto, a leitura de contos e histórias africanos, afro-brasileiros e da cultura indígena passam a ser parte estruturante de muitos planejamentos e práticas pedagógicas no ambiente escolar. A oralidade, como ferramenta didática, ainda é pouco explorada no conjunto interdisciplinar. Entretanto, esta iniciativa se vincula, em parte, às propostas apresentadas pelos livros didáticos. Os professores que trabalham as narrativas como expressões artísticas e literárias são aqueles que se especializam na temática e a integram em sala de aula. Ela fica dedicada a algumas áreas curriculares.

Fúlvia Rosemberg (1985) em seus estudos apontava para a ideologia impressa na literatura, seu cunho maniqueísta e os privilégios de ser branco. Os livros impressos servem nas escolas como base para a história oral. Debater sobre infância, literatura e contação de histórias é enunciar uma defesa ao uso da oralidade em sala de aula. Dessa forma, os estudos de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2007); Nilma Lino Gomes (2007); Iara Tatiana Bonin (2010) são importantes nesse artigo.

Assim, seguimos a mesma linha de pergunta proposta em estudo do professor Paulo Vinicius Baptista da Silva: por que contar histórias sobre a temática africana, afro-brasileira e indígena?

A proposta metodológica foi de análise crítica da bibliografia relacionada à área dos Estudos étnico-raciais acompanhado de uma observação participante realizada com interferência pelo professor pesquisador. Para tal pesquisa ganhamos o consentimento da direção escolar, os alunos/as⁵ não serão identificados, apenas o trabalho realizado em sala de aula.

O referido artigo utilizou-se de dados qualitativos, que são adquiridos através de contação de histórias. Os alunos/as expressam-se através de desenhos de imagens retidas na memória após a atividade de contação de histórias e entrevistas. Como afirma Godoy (1995):

⁵ A intenção em utilizar alunos/as é visibilizar a porcentagem feminina, entendendo tal espaço como de resistência à normatividade.

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p. 20)

E, assim formulamos mais uma pergunta norteadora: a história oral permite o resgate identitário da criança e do jovem no ambiente escolar?

A hipótese inicial é de que, além de os alunos/as fortalecerem sua identidade, podem se representar e tomar a oralidade como mais uma forma de valorizar a cultura e fortalecer o sentimento de pertença, com base nos valores e contribuições das histórias orais.

1 A esfera escolar: descolonizando as práticas

Segundo Paulo Vinicius e Gizele de Souza (2013), a contação de histórias se faz presente em diversos períodos da educação formal e informal. Todos narramos histórias e os relatos diários podem contribuir para o fortalecimento identitário. É consenso entre alguns pesquisadores que a maioria dos docentes acaba reproduzindo as atividades como meio de manutenção do poder estabelecido na relação de privilégios, na manutenção das desigualdades sociais, culturais e políticas (GOMES, 2007; SILVA, Paulo. 2007). O livro didático é uma grande ferramenta para a aculturação sobre a diversidade africana. Ele é utilizado, por vezes, na manutenção de currículos eurocêntricos e é responsabilizado pela organização do planejamento escolar, tendo como referência os capítulos nele enunciados. Diante de uma cultura escolar refém de programas e incentivos à leitura, a oralidade é referenciada para uma boa arguição, mas não como prática à formação identitária voltada para os valores e contribuições da ancestralidade africana e indígena.

A padronização do processo de ensino e aprendizagem nega as vivências regionais, priorizando conteúdos da cultura eurocêntrica. Diante disso, as práticas pedagógicas precisam ser reorientadas com o objetivo de entender a diversidade presente na escola sem hierarquizar as relações, mas atentar quanto ao processo histórico, social, cultural das diferenças naturalizadas e que recebem tratamento desigual.

Atualmente, muitas escolas de educação básica de Curitiba reproduzem práticas pedagógicas desenvolvidas no período da ditadura militar. Elas priorizam em seu currículo: o

cálculo e a escrita, em contrapartida, negam a importância da dimensão humana da literatura africana, afro-brasileira e indígena para a formação do cidadão. Diante desses fatos criou-se mecanismos de resistência ao currículo normativo, na Rede Municipal de Ensino de Curitiba não foi diferente, por meio da atuação dos professores as histórias orais operam de como estratégia para a implementação da lei 11.645 de 2008. Tal ação é o de veicular mais histórias para a reflexão e afirmação identitária da criança indígena e negra.

O cotidiano escolar está impregnado com o discurso social das classes dominantes, sofremos influência da invasão cultural de dominação disseminada pelo mito da democracia racial. Essa afirmação fica evidenciada nos currículos, quando na literatura o uso dos contos de fadas é recorrente no trabalho anual para a fruição literária das crianças e alunos/ as, além de serem propostos pelo mercado como artefatos de consumo.

Frente a essas problematizações, fez-se necessário retomar a oralidade, resgatando a figura do griô, como posição fundamental para o processo de ensino e aprendizagem.

O ensinamento que há mantido o relato durante séculos, nas distantes aldeias da África Ocidental pode também ser recebido entendido e interpretado por ouvidos distintos daquele a que estavam destinados no princípio. E assim, o conto segue cumprindo a missão que lhe foi encomendada. O conto segue então como sendo um transmissor de valores tradicionais que, ademais, que devem ser descobertos entre outros rodeios da história e adaptados à realidade que se vive a cada missão, e a cada qual, sua tarefa. Mas de um outro lado do mar de areia, homens e mulheres, não são, afinal de contas, tão distintos! (AGBOTON, 2004, p. 12-13)

Em todo o continente africano a figura do contador de histórias, popularmente conhecida como griô, é muito respeitada, pois ele transmite de forma dinâmica todos os conteúdos essenciais para manter a qualidade de vida e as tradições das comunidades (MARINHO, 2012).

1.1 Das conversas informais para a contação de histórias

A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos. (SILVA, 2007, p. 497)

A escola se localiza no município de Curitiba, no censo de 2014, a população estimada da cidade era de 1.864.416, no qual temos 230.000 matrículas no Ensino Fundamental. A cidade conta com 1.751.907 habitantes, dos quais 19,7% se declaram negros⁶ e 78,8% se declaram brancos.

O IDH de 2010 da região de Curitiba era de 0,823 e do Paraná é de 0,749, a economia paranaense é a quinta maior do país. A escola no ano de 2015 conta com um diretor, três diretores auxiliares e uma secretária, 85 professores; 25 funcionários - agentes educativos nível 1; 08 agentes nível 2. Ela possui 2.225 alunos/as matriculados, atendendo do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio, a escola conta também com atividades extraclasse com curso de espanhol e treino de futebol de salão. A escola localiza-se na periferia de Curitiba, no Bairro Tatuquara. Essa experiência de inserir a oralidade na contação de histórias ocorreu com o apoio da escola para trabalhar a diversidade de maneira lúdica e teve o consentimento do diretor por meio do termo de consentimento, assim não foram identificados os alunos/as por meio do nome ou imagem.

O trabalho inicia-se por meio de contação de histórias organizados pelo professor da escola e pesquisador Aparecido Vasconcelos de Souza⁷. As seis turmas do sexto ano do Ensino Fundamental, séries finais do período vespertino, participaram da atividade. Nos primeiros momentos de contato com os alunos/as o professor Cido realizou uma pesquisa, utilizando o diálogo informal e coletou a opinião deles sobre a vida escolar. Onde foi possível observar os contextos sociais nos quais circulam. Os alunos/as gostam de falar sobre diversos assuntos como: religião, futebol e amizade. Contudo, o currículo obrigatório não contempla, em parte, essa roda informal entre professores e alunos/as, com tempo para falarem sobre as questões que os envolvem, porém elas são fundamentais para a auto-identificação e para a formação da alteridade.

Das conversas informais dos alunos/as para a contação de história, a estratégia utilizada foi: iniciar a história chamando os alunos/as a participar. Em determinados momentos, o professor permite a expressão coletiva entre pares. Assim, eles falam um pouco de si e refletem sobre algumas questões como: o papel da criança na educação, quando enunciam sobre a importância do estudo, a organização em casa, quem os cria e os seus interesses.

⁶ As categorias negro e pardo do IBGE foram agrupadas na categoria negro.

⁷ O Professor permitiu que o nome dele fosse identificado.

O tema gerador para a contação de história, na maioria das vezes, aguardou a interação dos alunos/as em uma conversa informal, relação dialógica com o professor para a problematização de algumas questões.

Quadro 1- Histórias contadas

Africana	Afro-brasileira	Indígena
MANDELA, Nelson. O leão, a lebre e a hiena In:____. Meus contos Africanos . Tradução Luciana Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 2009.	OLIVEIRA, Kiusam. Ómó-oba histórias de princesas . Ed. Belo Horizonte: Mazza Produções, 2009.	MUNDURUKU, Daniel. Coletânea tempo de história . São Paulo: Ed. Salamandra, 2005.

Fonte: As /o autoras / autor.

Priorizamos uma história de cada uma das categorias enunciadas acima, conforme a implementação da lei 11.645 de 2008 que alterou o artigo 26 A da LDB, para apresentar parte da cultura que envolve as tradições de história africana, afro-brasileiras e indígena. Elas também foram inseridas com as atividades lúdicas a partir dos jogos teatrais, das brincadeiras e cantigas de roda. Algumas popularizadas, e, portanto, presentes no cotidiano, elas são formas de revitalizar o espaço escolar, promovendo a sensação de pertencimento.

Assim, a contação de histórias serve, do ponto de vista cultural, como possibilidade de resgate da história de um processo histórico-cultural de resgate identitário. Além de povoar o imaginário infantil e contribuir para formação de cidadãos com o sentido de pertencimento, evocando a ancestralidade.

Ao sentar e ouvir as histórias, os alunos/as acabam se apropriando de conceitos e valores que vão refletir em suas vivências.

2 Da identificação com as histórias para a afirmação cultural

As perguntas norteadoras e a escolha dos textos foram feitas em conjunto com as autoras/autor deste texto, apresentados no início do trabalho, contudo, a observação, a prática e os relatos

foram organizados pelo professor de arte, Cido Vasconcelos, e compartilhados em grupo para o encaminhamento das atividades.

Na atividade de contação sobre a história do livro “Ómó-oba histórias de princesas”, selecionamos o conto sobre Iemanjá e a criação do mundo, o qual apresenta como Olodumaré criou o mundo e como ele agia pacientemente para agradar a Rainha do mar. Na história tudo que foi feito no mundo gira em torno de Iemanjá, as crenças, a natureza, os orixás e todas as espécies de vida. Nesse contexto, a autora faz relações entre a deusa do mar e a beleza feminina. O livro traz as histórias de herança do terreiro da nação Ketu.

Os depoimentos dos alunos/as foram selecionados após eles ouvirem a história e foram transcritos. As perguntas motivadoras para as reflexões apresentadas abaixo foram comentadas de maneira informal após todas as histórias para coletarmos os depoimentos dos alunos/as: Você gosta de escutar histórias? / O que mais chama sua atenção quando escuta histórias? / O que mais gostaram nessa história?

Aluna A: Nossa, a história de Iemanjá é bem diferente do que conhecia. Ela lembra minha irmã, quando chora.

Aluno B: Gostei mais de Olodumaré.

Aluno C: Eu também gostei de Olodumaré, pois ele cria muitas coisas para agradar Iemanjá.

Aluno D: Também gostei mais de Olodumaré, pois para agradar Iemanjá, ele cria estrelas, as nuvens do céu, os parentes da princesinha os orixás.

Aluna E: Gostei muito da história, porque elas são criativas, cheguei a casa e contei a história para minha mãe, minha avó.

Aluna F: A sensação é que você está dentro da história.

Aluna G: Gostei mais da forma como foi escrita a história, os personagens chamaram a atenção para a ação de Iemanjá na história.

Aluna H: Gostei quando as estrelas saíam da boca da princesa, as nuvens, foi legal quando ela ganhou os orixás.

Aluna I e J: Gostei da parte da história que a Iemanjá fica feliz escolhendo morar no mar.

Aluno K: Ela tem uma beleza interna e tem também cabelos encaracolados, ela é perfumada e tem o poder da criação.

Aluno L: Gostei do jeito que a escritora escreveu a história, fez os leitores se entreterem, tipo que a Iemanjá tinha poderes e era uma moça cheirosa e bela.

Aluno M: Gosto de usar a imaginação com os colegas

Aluno N: Gosto de suas aulas, pois elas me ensinam a contar histórias.

Aluno O: Parece que eu estou dentro da história quando a ouço.

Quadro 2 – Desenhos dos alunos/as sobre Yemanjá

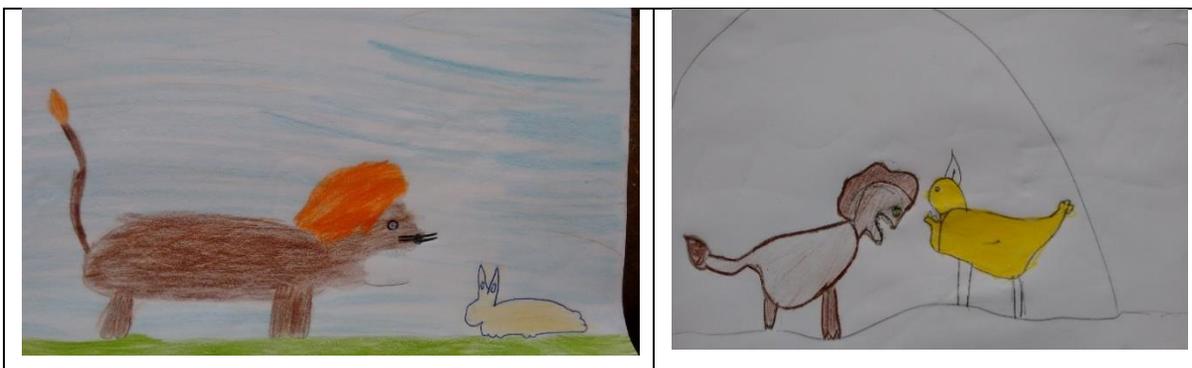


Fonte: Seleção organizada pelas autoras / autor.

O conto de Nelson Mandela, “O leão, a lebre e a hiena” demonstra a importância do respeito entre os amigos e a lebre, um animal símbolo de esperteza na cultura africana, acaba ganhando a confiança do leão. A hiena, por sua vez, apesar das tentativas em comer a lebre acaba se indispondo com o leão que a ataca, e com a parte do pelo arrancado desse animal a lebre cura o leão. A seguir apresentamos os depoimentos das crianças.

- Aluno A: A amizade é muito importante.
- Aluno B: Nossa a lebre é bem pequena e conseguiu salvar o leão!
- Aluno C: Toda a amizade tem que ser sincera.
- Aluna D: Quando a gente provoca os colegas em sala dá confusão.
- Aluna E: Se a hiena fosse sincera, ela conseguirá ter a amizade da lebre e do leão.
- Aluno F: Gostei da parte da história em que a lebre usa a inteligência para explicar o problema.
- Aluno G e H: Essa história, é muito engraçada e ajuda a gente entender o valor da amizade.

Quadro 3- Desenhos dos alunos/as após a contação de histórias



Fonte: Seleção organizada pelas autoras/autor.

O conto “Tempo de infância” relata parte da experiência do professor Daniel Munduruku em uma escola pública de São Paulo, onde é apresentado o universo cultural da tribo indígena. Nele são expressos costumes e contos da tradição oral e sua influência no processo de aprendizagem e cultura dos povos indígenas. O autor também apresenta as mulheres mais velhas como guardiãs da sabedoria do povo. Apresentamos o depoimento das crianças após a contação da história indígena

Aluno A: A vida dentro da aldeia é bem legal, não tem relógio e se aprende conversando.

Aluno B: Os índios respeitam as mulheres mais velhas, elas têm sabedoria.

Aluno C: Como será que era o tempo em que podia tomar banho no rio e pegar frutas no pé.

Aluna D: As mulheres mais velhas ensinam tudo o que elas sabem para os indiozinhos.

Aluna E: Minha avó, sempre me contava histórias de um tempo que a vida era mais fácil, precisar do relógio.

Aluno F: Os índios não brigam entre eles, os irmão mais velhos ajudam os mais novos a subir nas árvores.

Aluno G: A vida sem ter hora para começar deve ser mais legal.

Aluna H: Eu gostei da hora que o narrador fala que o sol cai na boca da noite, para dizer que a noite começou.

Aluno I e J: Quando chegar em casa vou contar essa história para minha irmãzinha.

Quadro 4- Desenhos dos alunos/ as após a contação de histórias



Fonte: Seleção organizada pelas autoras/ autor.

Após a contação de história, geralmente, são organizadas algumas brincadeiras. Os alunos/as gostam de usar a imaginação e de conversar com os colegas, muitos respondem que: “é legal aprender por meio de brincadeiras de faz de conta.”

Alguns alunos/as dizem que: “Quando estão brincando aprendem mais”.

A aluna Y afirmou que: “A sensação é ótima, durante as brincadeiras: cantamos, batemos palma e dançamos”.

Quadro 5 – Brincadeiras, jogos e oficinas de teatro sequência didática.

Jogos de comunicação e expressão:
<p>Descrição: Levando em consideração o fato de os jogos teatrais e as brincadeiras do folclore contribuir para o bom desenvolvimento da aprendizagem escolar, inserção cultural e autorrepresentação, propomos algumas atividades. Para tal, as atividades podem ser intercaladas ou podem ser usadas gradativamente em dias alternados.</p> <p>Objetivos: As propostas apresentadas aqui podem ser utilizadas pelos professores em sala de aula para mediar às atividades de leitura e contação de histórias.</p> <p>Etapa: A primeira sequência de jogos tem como objetivo desenvolver a socialização e permitir a espontaneidade dos participantes. Começamos com aquecimento corporal, vocal e induzindo a integração de todos os participantes.</p> <p>Em um segundo momento, trabalhamos com ritmo de samba com percussão corporal e outras dinâmicas de narrativa, seguindo o som do pandeiro. Propomos atividades e gestos que podem ser trabalhos com as crianças para explorar a percepção espacial e auditiva. Assim como estimular a imaginação para elaborar histórias.</p> <p>Em um último momento, trabalhamos cantigas de roda e estimulamos a composição de histórias e poemas que vão acompanhar músicas e parlendas já existentes no folclore brasileiro.</p>

Fonte: Adaptado pelos autores de REVERBEL, Olga. **Jogos teatrais na escola:** atividades globais de expressão..

Diante da experiência escolar, resgatar os contos de origem africana, afro-brasileira e indígena é fundamental, por tratar de questões referentes às origens, à ancestralidade e permitir ao aluno/a a identificação e ampliação cultural.

No caso brasileiro, a identidade nacional é narrada como resultado de um encontro entre distintas culturas, fundamentando a necessidade de considerarmos a pluralidade como parte de nossa “natureza”. Quando nos identificamos como brasileiros, frequentemente lançamos mão de mitos fundadores e de narrativas históricas que posicionam de modo distinto uns e outros povos que identificamos como constituidores da nação. A nacionalidade é uma construção cultural, produzida em uma série de estratégias de identificação cultural e de interpelações discursivas que constituem e posicionam as identidades. Povo e nação se tornam objetos de uma série de produções teóricas, cotidianas, midiáticas, literárias e, mais do que instituições políticas, povo e nação tornam-se fontes simbólicas e afetivas de identidade cultural. (BONIN, 2010, p. 76-77)

Desta forma, na contramão do discurso hegemônico e colonizador, buscamos verificar as contribuições da narrativa oral de origem afro-brasileira e indígena para a promoção da igualdade

racial e implementação da lei. Concluíram-se, por meio dos relatos dos alunos, depois da contação de histórias, na qual houve uma atenção redobrada no estudo, e a apropriação da linguagem das histórias ao se identificarem com as personagens negras e indígenas. Podemos inferir que o trabalho em sala de aula com tais narrativas contribui para o fortalecimento dessas identidades e a descolonização de representações.

Assim, afirmamos que é possível contar histórias, contos populares africanos e indígenas e permitir uma nova ressignificação, por meio da oralidade, da história dos alunos/as. Dessa forma, segundo Freire (1985), eles/elas se apropriam criticamente dos conteúdos se tornando sujeitos de sua própria história e responsáveis pela transformação de seu espaço social, cultural e político.

Nos últimos anos, um número significativo de pesquisadores, de diferentes áreas, têm demonstrado interesse na investigação de práticas educativas por meio da contação de história de literatura oral. Estas práticas contribuem muito para a formação do ser humano e levam a apropriação de conhecimentos fundamentais para a docência. Por isso, buscam na figura do contador de histórias um meio de estimular o diálogo e fortalecer a identidade dos sujeitos sociais no ambiente escolar. Além disso, Paulo Freire (2005) já enunciava, o ato de contar histórias permite uma dinâmica expressiva e afetiva de aproximação solidária e reflexiva, na qual o professor e o aluno/a comungam da mesma linguagem narrativa.

Em muitos casos, as atividades de contação de histórias direcionam toda a rotina escolar do aluno/a. É possível constatar que muitas participam da complexidade do cosmo sem perder a individualidade. Eles conseguem relacionar conteúdos poéticos, filosóficos e das ciências com seu cotidiano, pois vivenciam, através da narrativa e das brincadeiras, experiências que são fundamentais para o seu desenvolvimento.

No momento de integração e socialização, o aluno/a acaba recontando partes da história que achou mais importante, assim como, apresenta seu ponto de vista sobre o assunto. O discente problematiza e questiona verdades estabelecidas, cria novos conceitos, a partir do conteúdo abordado na história, e esta possibilidade permite que o aluno/a aprenda a observar o mundo com maior atenção, ultrapassando os limites da educação pragmática.

Considerações finais

Nesse contexto, o contador de histórias consegue romper com a verticalidade de ações imposta pela tradição na educação modelada pelo eurocentrismo e desconstruir a relação de superioridade nas relações do ambiente escolar, relativizando a relação entre o material didático e o aluno/a; pois o ato de contar histórias se dá a partir da integração com o outro e com o contexto em que o conto se insere. Esta prática faz o aluno/a pensar sobre si como parte importante do processo de produção do conhecimento, seja científico ou cultural.

Nesse sentido, Fúlvia Rosemberg (1985), em um movimento duplo de resistência e descolonização da hegemonia eurocêntrica, alertava para a problemática de como as narrativas literárias destinadas à infância acabavam e acabam por difundir ideologicamente padrões sociais, culturais, fenotípicos e permitem à criança perceber o acesso a bens simbólicos e materiais por intermédio da representação das personagens⁸ das histórias. As narrativas não precisam ser destinadas a práticas pedagógicas como quem endereça receitas na solução de problemas, mas, sim, elas são fundantes na representação de várias vozes e expressam práticas de letramento na formação e atuação do aluno/a no mundo letrado.

O aluno/a passa a ter um olhar crítico sobre o produto, traçando uma discussão plural, na qual as diferenças são reconhecidas e outras culturas são afirmadas. É possível constatar em outros estudos que a leitura mediada a partir da narrativa permite possibilidades de criação e ressignificação simbólica da existência.

Outra possibilidade de investigação do ato de se contar histórias está no fato de que a escuta de histórias ajuda no desenvolvimento da imaginação. Ela é um eficiente instrumento para construção da leitura reflexiva e afirmação identitária. A pesquisa, como a de Nilma Lino Gomes (2007), apresenta o currículo como importante para a pluralidade e respeito à diversidade, o valor social da contação de histórias em sala de aula se faz presente na atmosfera contra a colonização e estabelece um processo dinâmico de produção de conhecimento. Durante a realização da pesquisa foi possível constatar que os alunos/as ficam mais atentas depois de um período escutando histórias, pois se apropriam da linguagem do contador, e nos momentos de diálogo elaboram argumentos que enriquecem o aprendizado cultural e social para a afirmação identitária.

⁸ O termo *a personagem* vem do latim *persona* e segue as discussões de Antônio Candido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo E. S. Gomes no livro *A personagem de ficção*.

Os alunos/as, durante as aulas de arte, não se prendem ao fato mecânico de decorar os conteúdos, eles participam do processo como protagonistas, enquanto exprimem suas opiniões e trocam experiências com os colegas de classe.

Dessa forma, podemos constatar que contar histórias na sala de aula é um meio de poetizar a vida, dando a oportunidade das crianças experimentarem a alegria dramática e desenvolver a consciência crítica na afirmação identitária e cultural na formação para a diversidade.

REFERÊNCIAS

AGBOTON, Agnès. **Na mitón:** la mujer en los cuentos y leyendas africanos. Barcelona: RBA Libros, 2004.

BONIN, Iara Tatiana. Povos indígenas na rede das temáticas escolares: o que isso nos ensina sobre identidades, diferenças e diversidade? **Currículo sem Fronteiras**, v.10, n.1, pp.73-83, Jan/Jun 2010. Disponível em:
<<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss1articles/bonin.pdf>> Acesso em: 10 maio 2015.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p. 01. Disponível em:
<<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 12 out. 2013.

_____. **Parecer 03/2004 do Conselho Pleno do Conselho Nacional de educação.** Brasília: MEC, 2004.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2004.

_____. **IBGE.** Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1985.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo Diversidade e Currículo.** Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

GODOY, Arilda Schimidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais In: **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

MANDELA, Nelson. O leão, a lebre e a hiena In: **Meus contos Africanos**. Tradução Luciana Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **Coletânea tempo de história**. São Paulo: Salamandra, 2005.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, Kiusam. **Ómó-oba histórias de princesas**. Belo Horizonte: Ed. Mazza Produções, 2009.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Tradução de E. A. Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1998.

REVERBEL, Olga. **Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão**. São Paulo: Editora Scipione, 2007.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia**. São Paulo: Global, 1985. 1984.

SILVA, Paulo V.; SOUZA, Gizele. **Relações étnico-raciais e práticas pedagógicas em Educação Infantil**. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n47/04.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2015.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil étnico-raciais no Brasil. 2007**. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/2745-9748-1-PB.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

[Recebido: 10 set. 15 – Aceito: 12 dez. 15]